

VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER DE BIOGRAFIA

Dias bárbaros

Uma vida no surfe

William
Finnegan



Dias bárbaros

Uma vida no surfe

**William
Finnegan**

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright © 2015 by William Finnegan

TÍTULO ORIGINAL

Barbarian Days: A Surfing Life

PREPARAÇÃO

Renata Dib

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Paula de Carvalho

Táís Monteiro

REVISÃO TÉCNICA

Adrian Kojin

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Darren Haggar

FOTO DE CAPA

Cortesia de William Finnegan

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

FOTO DE LOMBADA E QUARTA CAPA

George Silk / Getty Images

CRÉDITO DAS FOTOS

Todas as imagens, à exceção das creditadas abaixo, são cortesia do autor.

Página 5: © Mike Cordesius; 218: © joliphotos; 393: Ken Seino; 414: Scott Winer.

Trecho da página 399, de William Shakespeare, foi retirado de *Noite de reis*. Rio de Janeiro: Agir, 1998, tradução de Carlos Alberto Nunes.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F536d

Finnegan, William

Dias bárbaros : uma vida no surfe / William Finnegan ; tradução Edmundo Barreiros. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

432 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Barbarian days

ISBN: 978-85-510-0147-9

1. Finnegan, William - Narrativas pessoais. 2. Surfistas - Estados Unidos - Biografia. I. Barreiros, Edmundo. II. Título.

17-39697

CDD: 927.9732

CDU: 929:797.178

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Grajagan, Java, 1979

Para Mollie

Ele havia ficado tão envolvido na construção de frases que quase se esqueceu dos dias bárbaros quando pensar era como um borrão de cor em uma página.

— EDWARD ST. AUBYN, *Mother's Milk*

SUMÁRIO

UM

ARREDORES DE DIAMOND HEAD

Honolulu, 1966-1967 15

DOIS

O CHEIRO DO OCEANO

Califórnia, 1956-1965 68

TRÊS

O CHOQUE DO NOVO

Califórnia, 1968 93

QUATRO

'SCUSE ME WHILE I KISS THE SKY

Maui, 1971 111

CINCO

A BUSCA

Pacífico Sul, 1978 150

SEIS

PAÍS DE SORTE

Austrália, 1978-1979 207

SETE

ESCOLHENDO A ETIÓPIA

Ásia e África, 1979-1981 233

OITO

CONTRA A VAGABUNDAGEM

São Francisco, 1983-1986 271

NOVE

BAIXO PROFUNDO

Ilha da Madeira, 1994-2003 341

DEZ

OS MONTES AFUNDAM NO CORAÇÃO DO MAR

Nova York, 2002-2015 394



UM

ARREDORES DE DIAMOND HEAD

Honolulu, 1966-1967

Nunca me considerei uma criança protegida. Mesmo assim, a Kaimuki Intermediate School foi um choque. Tínhamos acabado de nos mudar para Honolulu; eu estava no oitavo ano, e a maioria dos meus novos colegas de escola eram “viciados em drogas, cheiradores de cola e marginais” — ou pelo menos foi o que eu escrevi para um amigo em Los Angeles. Não era verdade. A verdade era que os haoles (as pessoas brancas; eu era uma delas) formavam uma minoria impopular em Kaimuki. Os “nativos”, como eu os chamava, pareciam não gostar especialmente de nós. Isso me agoniava porque muitos havaianos eram, para crianças no fim do ensino fundamental, assustadoramente grandes, e dizia-se que gostavam de brigar. Os orientais — mais uma vez, minha terminologia — eram o maior grupo étnico da escola. Naquelas primeiras semanas, eu não era capaz de distinguir entre crianças japonesas, chinesas e coreanas — para mim, eram todas orientais. Também não percebia a existência de outras tribos importantes, como os filipinos, os samoanos ou os portugueses (que não eram considerados haoles), muito menos as crianças miscigenadas. Provavelmente eu achava até mesmo que o cara grande na aula de marcenaria, que imediatamente demonstrou um interesse sádico por mim, fosse havaiano.

Ele usava sapatos pretos reluzentes de bico fino e comprido, calças justas e camisas floridas coloridas. Tinha o cabelo crespo cortado em um topete, e pa-

recia que se barbeava desde o dia em que nasceu. Quase não falava e, quando dizia alguma coisa, era apenas em um pidgin incompreensível. Era uma espécie de chefão-mirim do crime, claramente vários anos atrasado em relação a sua turma de origem, apenas passando um tempo ali até poder largar a escola. Ele se chamava Freitas — eu nunca soube o primeiro nome —, mas não parecia ser parente do clã Freitas, uma família grande com pelo menos cinco garotos indisciplinados na Kaimuki Intermediate School. O Freitas de sapato de bico fino me avaliou descaradamente por alguns dias, deixando-me cada vez mais nervoso, e então começou a realizar pequenos ataques ao meu autocontrole, esbarrando devagar em meu cotovelo, por exemplo, enquanto eu estava concentrado usando a serra elétrica para construir minha caixa de engraxate.

Eu tinha muito medo para dizer qualquer coisa, e Freitas nunca me dirigiu a palavra. Aquilo parecia fazer parte da diversão. Para passar o tempo que devíamos ficar sentados nas carteiras na parte da marcenaria que servia como sala de aula, Freitas inventou uma brincadeira cruel e engenhosa. Ele se sentava atrás de mim e, sempre que o professor nos dava as costas, batia na minha cabeça com uma ripa de madeira. *Bonc... bonc... bonc*, um belo ritmo constante, sempre com uma pausa longa o suficiente entre cada golpe para me permitir a breve esperança de que talvez não houvesse outro. Eu não conseguia entender como o professor não ouvia todos aqueles sons não autorizados e ressonantes. Eram altos a ponto de atrair a atenção dos outros alunos, que pareciam achar o ritual de Freitas fascinante. Na minha mente, os golpes eram, claro, explosões capazes de abalar os ossos. Freitas usava uma ripa bem grande — entre um metro e meio e um metro e oitenta — e nunca batia com muita força, o que lhe permitia me agredir à vontade sem deixar marcas; e fazia tudo com um distanciamento delicado, quase meditativo, que, imagino, aumentava o fascínio da performance.

Eu me pergunto se, caso o alvo fosse outro garoto, eu teria sido tão passivo quanto meus colegas de turma. Provavelmente sim. O professor estava distraído em seu próprio mundo, preocupado apenas com suas serras de mesa. Eu não fazia nada para me defender. Assim como descobri que Freitas não era havaiano, devo ter percebido que era melhor simplesmente tolerar o abuso. Afinal, eu era magricelo, haole e sem amigos.

Mais tarde concluí que meus pais tinham me mandado para a Kaimuki Intermediate School por um equívoco. O ano era 1966, e o sistema de escolas públicas da Califórnia, sobretudo nos subúrbios de classe média em que

tínhamos morado, estava entre os melhores dos Estados Unidos. As famílias que conhecíamos nunca considerariam matricular os filhos em escolas particulares. As escolas públicas do Havaí eram diferentes: empobrecidas, atoladas em tradições coloniais, de agricultura de exploração e missionárias, e muito abaixo da média americana, academicamente falando.

No entanto, não dava para saber de tudo isso apenas pela escola primária que meus irmãos mais novos frequentavam. (Kevin tinha nove anos; Colleen, sete. Michael tinha três e, numa época anterior à existência da pré-escola, ainda estava livre da educação formal.) Tínhamos alugado uma casa nos limites de um bairro rico chamado Kahala, e a Kahala Elementary era um paraíso bem financiado de educação progressista. Afora o fato de que as crianças podiam ir para a escola descalças — um exemplo surpreendente de permissividade tropical, em nossa opinião —, a Kahala Elementary poderia muito bem estar em um distrito da alta sociedade de Santa Monica. Por outro lado, o fato de a escola não ter turmas mais avançadas era revelador. Isso acontecia porque qualquer família na área que tivesse condições optava por mandar os filhos para as escolas secundárias particulares que, por muitas gerações, educaram a classe média de Honolulu (e de grande parte do Havaí), junto com os moradores ricos.

Ignorando tudo isso, meus pais me matricularam no colégio mais próximo, num bairro operário chamado Kaimuki, do outro lado da cratera Diamond Head, onde eles acreditavam que eu estivesse me dedicando às matérias do oitavo ano, mas onde, na verdade, eu estava muito ocupado em lidar com a solidão, as brigas e as ameaças de outros alunos e em buscar uma forma de sobreviver em um mundo com tamanha divisão racial após uma vida inteira inconsciente da minha branquitude nos subúrbios segregados da Califórnia. Até as turmas pareciam racialmente estabelecidas. Entretanto, pelo menos para as disciplinas acadêmicas, os alunos eram designados, com base no resultado dos testes, a um grupo que teria as mesmas aulas juntos. Entrei em uma turma avançada, onde quase todos os meus colegas eram garotas japonesas. Não havia havaianos, samoanos nem filipinos, e as aulas propriamente ditas, formais e pouco exigentes, me entediavam de um jeito que a escola nunca conseguira fazer. O fato de que eu parecia não existir para os outros alunos não ajudava muito. E assim eu passava as aulas encolhido nas últimas fileiras, olhando para as árvores do lado de fora à procura de sinais da força e da direção dos ventos, preenchendo página após página com desenhos de pranchas de surf e ondas.

★ ★ ★

Eu já surfava havia três anos quando meu pai conseguiu o emprego que nos levou para o Havaí. Ele vinha trabalhando, na maioria das vezes como assistente de direção, em séries de TV, como *Dr. Kildare* e *O Agente da U.N.C.L.E.* Agora se tornara diretor de produção de uma nova série, um programa musical de variedades com duração de meia hora inspirado em um programa de rádio local, o *Hawaii Calls*. A ideia era gravar Don Ho cantando em um barco com fundo de vidro, uma banda de calipso em uma cachoeira e mulheres dançando hula durante uma erupção vulcânica e chamar isso de programa.

“Não vai ser um show de calouros do Havaí”, disse meu pai, “mas está bem perto.”

“Se for muito ruim, vamos fingir que não conhecemos você”, avisou minha mãe. “Bill? Que Bill?”

O orçamento para nos mudarmos para Honolulu foi apertado, a julgar pela casa pequena que alugamos (Kevin e eu nos revezávamos para dormir no sofá) e pelo Ford enferrujado que compramos para circular pela cidade. Mas a casinha era perto da praia — no fundo de uma entrada de carros alinhada com outras casinhas, em uma rua chamada Kulamanu —, e o clima, quente mesmo em janeiro, parecia um luxo injustificável quando chegamos.

Minha empolgação excedia qualquer limite só por estar no Havaí. Todos os surfistas, todos os leitores de revistas de surfe — e eu tinha decorado cada linha e cada legenda das fotos de todas as minhas edições — passavam a maior parte de seu mundo dos sonhos, quisessem ou não, no Havaí. E agora eu estava lá, andando pela areia havaiana de verdade (áspera, com cheiro estranho), provando a água do mar havaiana (morna, com cheiro estranho) e remando na direção das ondas havaianas (pequenas, escuras e sopradas pelo vento).

Nada era como eu tinha esperado. Nas revistas, as ondas do Havaí eram sempre grandes e, nas fotos coloridas, iam do azul-escuro do meio do oceano a um turquesa-claro inacreditável. O vento era sempre terral (soprando da terra para o mar, ideal para surfar), e os próprios picos eram o parque de diversão dos deuses: Sunset Beach, Banzai Pipeline, Makaha, Ala Moana, baía de Waimea.

Tudo isso parecia a um mundo de distância do mar diante de nossa casa. Até Waikiki, conhecida pelas ondas para iniciantes e multidões de turistas, ficava do outro lado de Diamond Head — o lado oeste, mais glamoroso e icônico —, assim como todas as outras partes de Honolulu das quais qualquer pessoa já tinha ouvido falar. Nós estávamos do lado sudeste da montanha,

no sopé de uma pequena encosta sombreada e à beira-mar a oeste de Black Point. A praia era apenas uma faixa de areia úmida, estreita e vazia.

Na tarde de nossa chegada, durante a minha primeira exploração frenética das águas locais, achei a condição do mar confusa. Ondas quebravam em vários lugares ao longo da margem externa de um recife exposto e coberto de algas. Fiquei preocupado com o coral. Tinha fama de ser afiado. Então avistei, bem para oeste, e bastante longe da costa, um minueto familiar de pontinhos subindo e descendo, as costas iluminadas pelo sol da tarde. Surfistas! Voltei correndo pela rua. Todo mundo em casa estava ocupado desfazendo malas e brigando por camas. Vesti um calção, peguei a prancha e saí sem dizer uma palavra.

Remei para oeste ao longo de uma lagoa rasa por quase um quilômetro, me mantendo próximo à margem. Não se viam mais casas de praia, e a própria base íngreme e coberta de arbustos de Diamond Head tomava o lugar delas na areia. Então, o recife à minha esquerda ganhou profundidade abruptamente, revelando um canal largo — mais fundo, onde não quebravam ondas —, e, depois dele, cerca de dez surfistas pegando ondas escuras na altura do peito em um vento maral moderado. Remei devagar na direção do line-up — a área em que os surfistas se reúnem à espera das ondas —, fazendo uma rota ao redor, avaliando cada surfada. Os surfistas eram bons. Tinham estilos suaves e sem firulas. Ninguém caía. E ninguém, graças a Deus, parecia me notar.

Fiz a volta e, em seguida, me dirigi a uma área vazia do line-up. Havia muitas ondas. Desmanchavam-se quando eu entrava nelas, mas eram fáceis. Deixei que a memória muscular assumisse o controle e peguei algumas direitas pequenas e gordas. As ondas eram diferentes — mas nem tanto — daquelas da Califórnia. Mudavam muito de lugar, mas não eram intimidantes. Dava para ver o coral no fundo, mas, tirando algumas cabeças que se projetavam para fora d'água no interior da bancada (perto da costa), não era muito raso.

Havia muita conversa e muitos risos entre os surfistas. Tentei ouvi-los, mas não conseguia entender uma palavra. Provavelmente estavam falando pidgin. Eu lera sobre esse dialeto em *Havaí*, de James Michener, mas, como as aulas na Kai-muki Intermediate School só começariam no dia seguinte, ainda não o ouvira de fato. Ou talvez fosse alguma língua estrangeira. Eu era o único haole (outra palavra de Michener) na água. Em determinado momento, um cara mais velho passou remando por mim, gesticulou na direção do alto-mar e disse: “Outside.”

Foi a única palavra dirigida a mim naquele dia, que indicava uma série de ondas que iriam entrar mais ao fundo e não no lugar em que geralmente que-

bravam. E ele estava certo: foi a maior série da tarde, e fiquei grato por ter sido alertado.

Quando o sol começou a se pôr, o crowd diminuiu. Tentei ver para onde as pessoas iam. A maioria pareceu pegar uma trilha íngreme que subia a encosta até a Diamond Head Road, as pranchas pálidas carregadas na cabeça, movendo-se de forma constante e com a quilha para a frente pelo caminho em zigue-zague. Peguei uma última onda, surfêi até o raso e comecei a longa remada para casa pela lagoa. Agora as construções estavam iluminadas. O ar estava mais fresco; as sombras projetavam um azul quase negro embaixo dos coqueiros ao longo da costa. Eu estava radiante com a minha sorte. Só queria ter alguém para contar: “Eu estou no Havaí, surfando no Havaí.” Então me ocorreu que eu nem sequer sabia o nome do lugar onde tinha surfado.

O nome era Cliffs. Um arco de recifes que parecia uma colcha de retalhos e se estendia para o sul e para o oeste por quase um quilômetro partindo do canal em que eu remara pela primeira vez. Para conhecer qualquer novo pico no surfe, você primeiro precisa aplicar seu conhecimento prévio, todas as outras ondas que aprendeu a entender nos mínimos detalhes. Mas, naquela época, minha bagagem consistia em dez ou quinze picos na Califórnia, e havia apenas um que eu conhecia muito bem: um local em Ventura com fundo de pedra. E nenhuma dessas experiências me preparou para Cliffs. Após aquela sessão inicial, passei a tentar surfar lá duas vezes por dia.



Caminho até a água, casa em Kulamanu, 1966

Cliffs era um pico realmente consistente, no sentido de que quase sempre havia ondas para pegar, mesmo no período que eu vim a entender como baixa temporada para a South Shore de Oahu. As bancadas de coral que saem de Diamond Head ficam na extremidade sul da ilha e, por isso, pegam qualquer migalha das ondulações de passagem. Mas também pegam muito vento, incluindo as fortes correntes de ar da montanha para o mar que descem pelas encostas da cratera — e esse vento, aliado à grande extensão em zigue-zague do recife e aos swells que chegavam de muitas direções diferentes, produzia condições em constante alteração. Esse era um paradoxo do qual eu não gostava nem um pouco na época, pois resultava em uma refutação violenta e frequente da ideia de consistência. Cliffs tinha uma complexidade temperamental diferente de qualquer outro lugar que eu já conhecesse.

As manhãs em especial confundiam muito. Para conseguir surfar antes da escola, eu precisava estar na água ao nascer do sol. De acordo com a minha breve experiência, o mar devia estar liso ao amanhecer. Pelo menos na costa da Califórnia, o início das manhãs não costuma ter vento. Mas, aparentemente, não era o que acontecia nos trópicos. Menos ainda em Cliffs. Ao nascer do sol, os ventos alísios costumavam soprar com força. Folhas de palmeiras se agitavam de forma violenta enquanto eu descia pela trilha, carregando na cabeça minha prancha parafinada, e, da praia, conseguia ver no outside as espumas brancas, além do recife, espalhado de leste a oeste no oceano azul-royal. Diziam que os alísios eram ventos que sopravam de nordeste, o que não era uma direção ruim, em teoria, para uma costa voltada para o sul. Porém, de algum modo, os ventos batiam sempre lateralmente em Cliffs e eram fortes o suficiente para arruinar a maioria dos picos daquele ângulo.

Ainda assim, o lugar tinha uma espécie de durabilidade invocada que o deixava surfável, pelo menos para os meus propósitos, mesmo naquelas condições não muito boas. Quase ninguém surfava ali de manhã cedo, o que o tornava um bom local para explorar melhor o pico principal. Comecei a conhecer os pontos traiçoeiros, rápidos e rasos, e também as partes mais suaves, onde era necessário um cutback rápido, uma curva em direção à espuma, para dar continuidade à onda. Mesmo em um dia com ondas na altura da cintura e agitadas pelo vento, era possível extrair o máximo de algumas delas para um dia de surfê longo improvisado e absolutamente satisfatório. O recife tinha mil singularidades, que mudavam muito rápido com a maré. Depois de um tempo aprendi que, quando o canal em direção à praia começava a ficar em

um tom leitoso de turquesa — uma cor não tão diferente de algumas das sonhadas ondas havaianas que apareciam nas revistas —, significava que o sol se erguera até o ponto em que eu devia voltar para o café da manhã. Se a maré estivesse muito baixa, deixando a lagoa rasa demais para remar, aprendi a reservar mais tempo para andar até em casa pela areia macia e cheia de pedrinhas, esforçando-me para manter o bico da prancha apontado para o vento.

As tardes eram outra história. O vento costumava estar mais fraco; o mar, menos revoltado, e havia outras pessoas surfando. Cliffs tinha um grupo de surfistas locais, e, após algumas sessões, comecei a reconhecer alguns deles. Nos picos no continente que eu conhecia, em geral havia um número limitado de ondas, muita disputa por posicionamento e uma ordem de prioridade estritamente preservada. Um garoto novo — ainda mais sem aliados, como um irmão mais velho — tinha que tomar cuidado para não passar à frente, mesmo sem querer, de algum dos grandes surfistas locais. Mas em Cliffs havia tanto espaço para se espalhar, tantos picos vazios quebrando a oeste do principal — ou, se você prestasse atenção, talvez uma laje de pedra no inside que havia se tornado bom para surfar sem que ninguém percebesse —, que eu me senti livre para realizar minhas próprias explorações das margens. Ninguém me olhava torto nem me aborrecia. Era o oposto da vida na escola.

Minha adaptação na escola incluiu uma série de brigas, algumas delas formalmente agendadas. Havia um cemitério ao lado do campus com uma faixa de grama bem escondida em um canto, aonde os garotos iam acertar as contas. Eu me vi ali diante de vários meninos chamados Freitas — nenhum deles, repito, parecia ser parente do meu opressor cabeludo da aula de marcenaria. Meu primeiro adversário era tão pequeno e jovem que duvidei até mesmo de que estudasse na nossa escola. Pelo que entendi, o método do clã Freitas para treinar seus soldados era encontrar algum idiota sem aliados ou sem discernimento para evitar um desafio, depois mandar para o ringue o lutador mais jovem que tivesse alguma chance. Se ele perdesse, o maior Freitas seguinte entraria. Isso continuava até que o não membro do clã fosse derrotado. Tudo era feito com frieza. As lutas eram arranjadas e arbitradas por Freitas mais velhos e conduzidas de forma mais ou menos justa.

Minha primeira briga teve pouca audiência — na verdade, não era de interesse de ninguém —, mas mesmo assim eu estava morrendo de medo, sem assistentes ao meu lado e sem ter ideia de quais eram as regras. Meu

adversário se revelou extraordinariamente forte para seu tamanho, e feroz, mas com braços curtos demais para acertar socos, e acabei dominando ele sem muito dano para nenhum de nós. O primo, que logo ocupou seu lugar, era quase da minha altura, e nossa luta teve consequências maiores. Dei conta do recado, mas ambos ficamos com olhos roxos antes que um Freitas mais velho interviesse e declarasse empate. Haveria outra luta, disse ele, e, se eu ganhasse, alguém chamado Tino viria e me encheria de porrada sem chance de diálogo. O clã Freitas foi embora. Lembro-me de vê-los correndo, rindo descontraídos, uma milícia familiar feliz subindo a longa encosta do cemitério. Estavam evidentemente atrasados para outro compromisso. Meu rosto doía e os nós de meus dedos doíam, mas eu estava exultante de alívio. Então percebi alguns haoles da minha idade parados nas moitas na beira da clareira, parecendo nervosos. Eu meio que reconheci alguns da escola, mas eles foram embora sem dizer nada.

Acho que ganhei a revanche. Então Tino me encheu de porrada sem chance de diálogo.

Houve outras disputas, incluindo uma que durou vários dias com um garoto chinês da minha turma de agricultura que se recusava a desistir — mesmo quando eu afundei o rosto dele na terra vermelha do canteiro de alface. Esse conflito amargo durou uma semana. Era retomado toda tarde e nunca havia um vencedor. Os outros garotos da turma, divertindo-se com o show, asseguravam-se de que o professor, caso chegasse a aparecer, não nos flagrasse.

Não sei o que meus pais pensavam. Cortes, hematomas e até mesmo os olhos roxos podiam ser explicados. Futebol, surfe ou alguma outra coisa. Minha opinião, que em retrospecto me parece certa, era de que eles não seriam capazes de evitar nada daquilo, por isso eu não lhes contava.

Uma gangue racista veio em meu resgate. Eles se autodenominavam In Crowd. Eram haoles e, apesar do nome risível, eram muito maus. O líder era um garoto bem-humorado e desregrado, de voz rouca e dente quebrado chamado Mike. Ele não era fisicamente imponente, mas circulava pela escola com um destemor brutal que parecia fazer todos hesitarem, exceto os maiores samoanos. O verdadeiro lar de Mike, descobriu-se, era um centro de detenção juvenil em algum lugar — a presença dele na escola era apenas uma licença, que ele pretendia aproveitar ao máximo. Mike tinha uma irmã mais nova, Edie, que era loura, magra e doida, e a casa deles em Kaimuki era o ponto de encontro do In Crowd. Na escola eles se reuniam embaixo de uma grande

árvore-da-chuva em uma colina de barro vermelho atrás do bangalô sem pintura, onde eu tinha aulas de datilografia. Minha iniciação foi informal. Mike e os amigos apenas me notificaram que eu podia me juntar a eles embaixo da árvore-da-chuva. E foi com os membros do In Crowd, que parecia ter mais garotas que garotos, que comecei a aprender primeiro os termos gerais e, depois, os detalhes do esquema racial local. Descobri que nossos principais inimigos eram os “mokes”, o que parecia significar qualquer pessoa morena e violenta.

“Você já andou brigando com mokes”, contou-me Mike.

Percebi que era verdade.

Mas minha carreira de lutador logo chegou ao fim. As pessoas pareciam saber que eu agora fazia parte da gangue dos haoles e resolveram implicar com outros garotos. Até o Freitas da aula de marcenaria começou a pegar mais leve comigo. Mas será que ele tinha mesmo guardado a ripa de madeira? Era difícil imaginar que Freitas fosse se preocupar com o In Crowd.

Discretamente, estudei o surfê de alguns frequentadores de Cliffs — os que pareciam fazer a melhor leitura das ondas, que encontravam os trechos de velocidade e conduziam as pranchas com controle impecável. Minha primeira impressão se confirmou: eu nunca tinha visto tamanha fluidez. Os movimentos das mãos tinham uma sincronia incrível com os dos pés. Os joelhos ficavam mais dobrados do que no surfê ao qual eu estava acostumado, os quadris, mais relaxados. Não havia muito surfê no bico da prancha, que, no continente, era a subespecialidade da moda na época e exigia caminhar, quando surgia a oportunidade, até a ponta da prancha — fazendo as manobras hanging five e hanging ten, desafiando a evidente física da flutuação e do deslize. Não sabia na época, mas o que eu estava testemunhando era o estilo clássico da ilha. Apenas retomei as anotações mentais da minha posição no canal e comecei, sem pensar, a caminhar menos para o bico da prancha.

Havia alguns caras novos, incluindo um garoto magro de costas eretas que parecia ter a minha idade. Ele ficava longe do pico principal, pegando ondas periféricas. Mas estiquei o pescoço para observar o que ele fazia. Mesmo nas ondas pequenas e sem força que escolhia, dava para ver que o garoto era impressionantemente rápido e equilibrado. Ele era o melhor surfista da minha idade que eu já tinha visto. Usava uma prancha excepcionalmente curta, leve e de bico estreito — uma Wardy branca sem pintura. Ele me flagrou obser-

vando-o e pareceu tão constrangido quanto eu. Passou por mim remando furiosamente, como se tivesse sido afrontado. Tentei ficar fora do caminho dele depois disso, mas, no dia seguinte, ele me cumprimentou com um aceno de cabeça. Torci para que minha felicidade não transparecesse.

“Bem melhor naquele lado”, disse ele em pidgin, alguns dias depois, olhando para o oeste enquanto furávamos uma série pequena.

Era um convite para me juntar a ele em um de seus picos obscuros e sem crowd. Ele não precisou falar duas vezes.

O nome do garoto era Roddy Kaulukukui. Tinha treze anos, como eu. “Ele é tão bronzado que parece negro”, escrevi para meu amigo. Roddy e eu trocávamos ondas de forma cautelosa, e depois menos cautelosa. Eu conseguia pegar ondas tão bem quanto ele, o que era importante, e estava conhecendo o pico, que se transformou em um projeto compartilhado. Como os dois caras mais novos de Cliffs, nós estávamos, ao menos de forma semiconsciente, em busca de um amigo da mesma idade. Mas Roddy não ia até lá sozinho. Ele tinha dois irmãos e uma espécie de terceiro irmão honorário — um garoto japonês chamado Ford Takara. O irmão mais velho de Roddy, Glenn, era um dos surfistas que dominavam o line-up. Glenn e Ford caíam na água todo dia. Eram apenas um ano mais velhos que nós, mas podiam competir com qualquer um no pico principal. Glenn, em especial, era um surfista excelente, com um estilo fluido e bonito. O pai deles, Glenn, também surfava, assim como o irmão menor, John, embora fosse muito novo para Cliffs.

Roddy começou a me dizer quem eram alguns dos outros caras. O gordo que aparecia nos dias das maiores ondas, entrando na onda bem lá fora, no outside, e mandando tão bem que o restante de nós parava de surfar só para assistir, era Ben Aipa. (Anos mais tarde, fotos e matérias sobre Aipa começaram a tomar conta das revistas de surfe.) O chinês que apareceu no dia com as maiores ondas que eu tinha visto até então em Cliffs — um swell de sul sólido, fora de estação, em uma tarde nublada sem vento — era Leslie Wong. Ele tinha um estilo refinado e só se dignava a surfar em Cliffs quando o mar estava excepcionalmente bom. Leslie Wong pegou a onda do dia, com as costas um pouco arqueadas, os braços relaxados, fazendo o extremamente difícil — não, mais que isso, *extático* — parecer fácil. Quando eu crescesse, queria ser como ele. Aos poucos fui descobrindo quem, entre os frequentadores de Cliffs, tinha mais chance de desperdiçar uma onda — não conseguir pegá-la ou cair —, e, em seguida, aprendi como discretamente pegar a onda sem ser

desrespeitoso. Mesmo em um crowd tranquilo, era importante não expor as fraquezas de ninguém. Os egos masculinos (nunca vi uma garota em Cliffs) estavam sempre, de forma sutil ou não, em risco na água.

Glenn Kaulukukui era meu surfista favorito. Desde o momento em que pegava uma onda, ficando de pé como um gato, eu não conseguia tirar os olhos das linhas que ele desenhava, da velocidade que de algum modo encontrava, das improvisações que criava. Glenn tinha uma cabeça enorme, que sempre parecia estar um pouco jogada para trás, e cabelo ruivo comprido queimado de sol, também jogado para trás de forma exuberante. Tinha lábios grossos, aparência africana, ombros escuros e se movia com uma elegância incomum. Mas havia mais alguma coisa — pode chamar de perspicácia ou ironia — que acompanhava sua confiança física e sua beleza, algo peculiar que lhe permitia, na maioria das situações mais exigentes, aparentar seriedade e, ao mesmo tempo, dar a impressão de estar rindo em silêncio de si mesmo.

Ele também ria de mim, mas não de modo grosseiro. Quando exagerei na força ao sair de uma onda, tentando fazer algo chamativo, rasgando a parede desajeitadamente e em paralelo com a prancha dele no canal, Glenn disse: “*Geev ’um, Bill. Geev ’um da lights.*” Até eu sabia que esse era um clichê em pidgin, uma exortação muito usada. Também era uma pequena ridicularização. Ele estava zombando de mim e me encorajando ao mesmo tempo. Saímos remando juntos. Quando estávamos quase no outside, vimos Ford pegar uma das maiores ondas da série e escolher uma linha inteligente para costurar em meio a algumas seções difíceis. “É isso aí, Fawd!”, exclamou Glenn, apreciando as manobras do amigo. “Spock *dat!*” Então ele começou a avançar na minha frente em direção ao line-up.

Certa tarde, Roddy me perguntou onde eu morava. Apontei para o leste, na direção da enseada sombreada dentro de Black Point. Ele contou para Glenn e Ford, depois voltou parecendo sem graça, com um pedido. Será que eles podiam deixar as pranchas na minha casa? Fiquei feliz por ter companhia na longa remada de volta. Nossa casa tinha um jardim pequeno, com uma cerca viva de bambu densa e alta que o escondia da rua. Deixamos nossas pranchas apoiadas no bambu e nos lavamos no escuro com uma mangueira. Depois os três foram embora a pé, usando apenas calções, com a água pingando, mas nitidamente satisfeitos por não terem que carregar as pranchas até a distante Kaimuki.

★ ★ ★

"O que podia, com razão, ter preocupado meu pai era o tipo peculiar de monomania antissocial e exagerada que um comprometimento sério com o surfe quase sempre envolvia... O novo ideal emergente era a solidão, a pureza, ondas perfeitas longe da civilização. Robinson Crusóé, *The Endless Summer*. Era um caminho que afastava da cidadania, no sentido antigo da palavra, na direção de uma fronteira apagada, onde iríamos viver como bárbaros modernos. Não era o devaneio do vagabundo feliz. Era mais profundo. Perseguir ondas com dedicação era algo fundamentalmente egocêntrico e ao mesmo tempo abnegado, dinâmico e ascético, radical em sua rejeição dos valores do dever e das conquistas convencionais."

"Espetacular. Uma fascinante história de aventura, uma autobiografia inteligente e uma incessante reflexão sobre amor, amizade e família."

THE WASHINGTON POST

"Não sei nada sobre surfe, mas fui arrebatada pela intensidade da linguagem de Finnegan."

OLIVIA LAING, THE GUARDIAN

"O domínio da técnica do surfe e as descrições precisas andam lado a lado com uma sinceridade corajosa e contagiante."

THE NEW YORK TIMES MAGAZINE

ISBN 978-85-510-0147-9



9 788551 001479

www.intrinseca.com.br